

As estruturas do discurso: o uso do esquema L em psicopatologia

Marta Regina de Leão D'Agord

Este artigo tem por objetivo apresentar a contribuição do esquema L para a psicopatologia, mais especificamente, a distinção que ele permite mostrar entre o discurso neurótico e o discurso psicótico. O esquema L foi elaborado por Lacan no período de 1954-1955 e utilizado até 1957 para estudar a topologia do espaço falante. Neste esquema, as relações entre imaginário e simbólico aparecem na forma de dois eixos que se entrecruzam como figuração de relações entre a cena enunciada e a outra cena, a cena inconsciente. O esquema L figura os quatro lugares que suportam a palavra falada: o sujeito, o eu, o outro e o Outro. Trata-se da entrada da estrutura quaternária no campo da psicopatologia, uma estrutura já utilizada em Metemática, Antropologia e Lingüística.

Palavras-chave: Psicanálise, psicopatologia, topologia, esquema L

Introdução

No campo da psicopatologia, é conferido à psicanálise o lugar de explicação para os fenômenos psicopatológicos. Ao invés de abordar o psicopatológico através dos fenômenos, como prefere fazer a psicologia, a psicanálise identifica-se a uma abordagem das relações. Sejam essas relações entre cenas ou entre significantes; enfim, relações que aparecem enunciadas em séries e que a escuta psicanalítica decompõe (do grego *analyse*) em elementos de uma estrutura. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise da contribuição do esquema L, introduzido por Lacan (1966/1998), para a análise da estrutura do discurso.

O esquema L permite mostrar a distinção estrutural entre discurso neurótico do discurso e psicótico através da figuração de relações entre a cena enunciada e a outra cena, a cena inconsciente. Duas cenas são duas localizações psíquicas. Essa idéia é originária de Freud (1900), que, por sua vez, se inspira em Fechner (1889), que expressara a idéia de que a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília. Para Freud (1900), essa hipótese tornaria inteligíveis as particularidades especiais de uma localização psíquica da vida animica.

A topologia, na obra de Lacan, exerce a função da tópica em Freud, a saber, explicar a espacialidade do psiquismo. A relação espacial entre inconsciente, pré-consciente e consciente ou entre Eu, Isso e sobreu na tópica freudiana, será repensada sob a forma da relação espacial entre simbólico, imaginário e real. A entrada da topologia na psicanálise tem cunho epistemológico e metodológico: explicação e demonstração através de estruturas lógicas. Para abordar o esquema L, nos apoiamos nas contribuições de Darmon (2008), Eidelsztein (1992, 2006), Quinet (2006) e Gilson (1994).

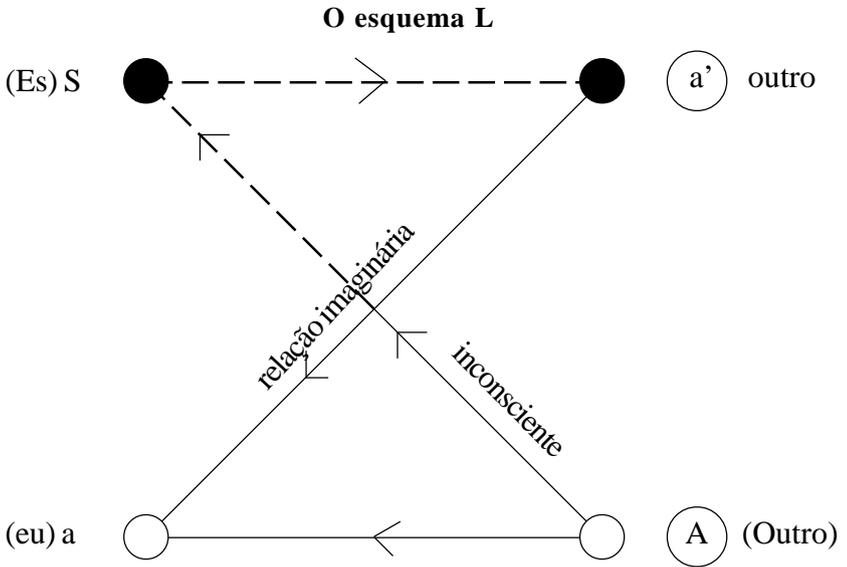
O esquema L figura os quatro lugares que suportam a palavra falada: o sujeito, o eu, o outro e o Outro, respectivamente, S, a, a' e A. Esses quatro lugares caracterizam a estrutura que antecipa outras estruturas, também quaternárias, adotadas por Lacan (o grafo, os quatro discursos).

Ao quaternário do esquema L é possível aplicar a concepção de estrutura de grupo, isto é, um conjunto de elementos entre os quais se definem uma ou várias operações. Restaria perguntar se a estrutura do esquema L, além de estrutura de grupo, poderia ser definida como uma estrutura topológica. Para ser considerada uma estrutura topológica, deve haver uma relação de vizinhança entre os elementos do grupo.

A estrutura está no discurso

Sonho e delírio dizem-se como falas. Se, na neurose, essa fala ocorre exclusivamente em situação de tratamento, na psicose pode ocorrer inclusive na forma de publicação. O material em questão nos discursos da psicose e da neurose é o corpo imaginário, isto é, o corpo apreendido enquanto efeito do estágio do espelho, portanto, se trata do corpo-próprio no limite do Imaginário e do Simbólico. A diferença é que, na psicose, falta um significante que represente o próprio corpo do sujeito para outro significante. Não é que o simbólico não esteja presente, o que seria impossível em um ser humano, mas é que falta algo ao nível da simbolização da imagem de si. Para exemplificar, consideremos o caso Schreber. Ocorreu a Schreber a fantasia de como seria belo ser mulher no momento do coito. Ora, essa fantasia foi rechaçada (*verworfen*, partícipio de *Verwerfen*) como imprópria, conforme ele relatou em suas Memórias. Se fosse um neurótico, isto é, se houvesse um significante que o representasse perante o significante daquela fantasia de desejo, Schreber não precisaria empenhar o próprio corpo quando do retorno do rechaçado (*verworfen*). É desse empenho do corpo próprio que se trata quando do retorno do rechaçado no Real. Schreber vive como alucinação esse retorno do rechaçado, pois tem a sensação de que seu pênis está invaginando e que lhe estão crescendo seios. O delírio de copular com Deus e gerar uma nova humanidade vem como estruturação de uma defesa. A defesa em relação ao desejo relacionado à fantasia de como seria belo ser mulher na hora do coito. O que foi rechaçado reaparece no Real (o corpo que vai ser transformado sob as ordens de um Outro absoluto) e não cifrado ou metaforizado como no discurso neurótico.

É assim que Lacan nos ensina a articular a leitura das Memórias: por que o inconsciente, o desejo inconsciente de ser uma mulher, desejo que permanece excluído para o sujeito Schreber, vai aparecer no Real? Se do que se refere ao recalado e ao retorno do recalado, Lacan afirma que são o direito e o avesso de uma mesma coisa, não é assim na psicose. É essa diferença entre o discurso neurótico e o discurso psicótico que Lacan vai figurar no esquema L.



Os elementos do esquema:

S = *Es*, Isso, sujeito do inconsciente. Sujeito do inconsciente deve ser lido na função genitiva de que o inconsciente tem a posse do sujeito. É sujeito no sentido de sujeito. É sujeito de forma psicótica, perversa ou neurótica.

a' = O outro, o semelhante em posição de objeto que é uma projeção do eu do conhecimento. Como me conheço através das imagens que faço de mim, enunciando: - “Eu sou”

a = O eu da experiência, onde o eu que enuncia se vê a si mesmo, o falante, o que sustenta o enunciado: - “Eu...”

A = Outro. A alteridade radical do tesouro dos significantes

Um esquema é uma forma de representar espacialmente funções e relações, nesse caso, a função da fala e sua relação com o campo da linguagem. Dado que a linguagem é considerada como o lugar do Outro, o esquema L possibilita mos-

trar que a fala passa por um desvio. O desvio pelo Outro é uma concepção cara à Lacan, a qual ganhará novo vigor uma década depois, no Seminário 9, A identificação, através do toro.

No esquema L esse desvio tem a forma da letra grega Lambda (Λ) Mas de que desvio se trata no esquema L? Do ponto de vista de um desvio promovido pela barreira imaginária, o eixo imaginário faria barreira ao eixo simbólico. Mas se considerarmos o desvio do ponto de vista relação entre a fala e a linguagem, seria preciso indicar que em toda fala haveria um desvio pelo Outro, na medida em que é o tesouro dos significantes que suporta as palavras.

O esquema L foi introduzido no Seminário 2 e foi apresentado nos Escritos em “O Seminário sobre a carta roubada” como uma primeira forma de demonstração da relação do sujeito com a ordem simbólica e com o imaginário.

Lacan vai mostrar que falar é fazer falar o Outro como tesouro dos significantes. A fala é produzida através de um desvio pelo Outro. Ao falar, sou falado no lugar do Outro. E isso acontece na medida em que reconheço o Outro em meu interlocutor, isto é, que reconheço que ele está em uma posição simbólica. Dois exemplos desse reconhecimento: “você é meu mestre”; “você é meu marido”. Em ambos os casos, o falante atribui ao seu interlocutor um lugar no simbólico e é por isso que a sua fala gera uma determinação fundamental de si mesmo, isto é, o falante é reconhecido simbolicamente. Ele também ocupará um lugar simbólico, como aluno e esposa respectivamente.

O esquema L mostra que, ao falar, se recebe do outro a própria mensagem invertida. Mas há duas estruturas de discurso aos quais se aplica essa formulação: aquela em que há reconhecimento do Outro e aquela que não há reconhecimento do Outro. A primeira corresponde ao discurso neurótico, a segunda, ao discurso psicótico.

Trata-se da presença ou ausência do desvio da fala pelo Outro, de modo que, se há comunicação entre o falante o outro, é porque há uma dimensão fundante, condição para que aconteça a comunicação. Na dimensão fundante, o Outro é reconhecido, mas não é conhecido. Eis a alteridade fundamental do Outro (um terceiro). A fala dirigida ao Outro no outro é inconsciente, mas esse Outro é fundamental para fazer pactos, acordos, quanto ao que é comunicado. É isso que o esquema L figura, a relação da fala ao Outro no outro, o desvio pelo Outro na fala ao outro.

Lacan (1966/1998) utilizou a expressão “dialética da insersubjetividade” para nomear a relação entre o sujeito e o Outro absoluto: um Outro que poderia anular o sujeito ou fazer-se objeto para enganá-lo. Ora, o Outro é a alteridade radical, mas nem sempre ele será tomado como absoluto. Ele será absoluto quando não estiver em posição terceira à minha relação imaginária ao outro, mas for tomado como outro, isto é, como imaginário, como especular.

O esquema, tal como Lacan (1955-1956/1985) o descreve no livro 3 do seu Seminário figura a relação quaternária entre o sujeito e os três outros: o outro, o eu e o Outro: “Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23). Aristóteles observara que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com sua alma, Lacan (1955-1956/1985), por sua vez, dirá que “o sujeito se fala com o seu eu” (p. 23).

A triplicidade é a condição para o entrecruzamento entre os eixos transversais do esquema L, eixos que representam o imaginário e simbólico. Se não houvesse essa junção, o falante (a) se relacionaria diretamente ao outro como Outro absoluto (imaginário). O desvio pelo Outro faz a junção entre os eixos e é esse entrecruzamento que tem a função de barreira ou filtro. Assim, o filtro significa a mediação simbólica entre (a) e (a') no que se refere ao eixo imaginário e a mediação imaginária entre S e A no que se refere ao eixo simbólico.

O desvio pelo Outro como condição do filtro imaginário

Dois homens se encontram em um vagão em estação de trem:

A — Onde vai?, perguntou um.

B — À Cracóvia, foi a resposta.

A — Como você é mentiroso!, não se conteve o outro. — Se você dissesse que ia à Cracóvia, você estaria querendo fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, por que você está mentindo para mim? (Freud, 1905c/1987, p. 136)

No diálogo acima, pode-se observar o aspecto paranóico característico do eu do conhecimento (a' no esquema L). Aquilo que conheço é uma projeção de meu eu da experiência ou eu da fenomenologia. Aquele que pergunta já supõe, no outro, alguma coisa. Isso que ele supõe é conhecimento enquanto projeção.

Essa fala poderia ser dividida em duas partes: A primeira parte representaria o eu da experiência: “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você estaria querendo fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg”. A segunda parte representaria o eu do conhecimento “Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia”.

É a forma do verbo, no indicativo ou no subjuntivo, que mostra a diferença entre de um lado a pergunta, dúvida ou engano e, de outro lado, a certeza. No discurso neurótico, a relação de S com A passa por um filtro do imaginário e se há a possibilidade do fingimento é porque se supõe um Outro no outro. Há reconhecimento do Outro. Eu me imagino pensando o que o outro poderia dizer,

eu me imagino no outro, mas sei que são apenas pensamentos, meus pensamentos. Eis a função do filtro imaginário. O filtro me mantém distante de mim mesmo como outro (a'), isto é, sempre posso fazer um juízo crítico de meus próprios pensamentos. Eu (a) não sou o outro (a') sempre que consigo estabelecer um distanciamento crítico de minhas certezas sobre o que o outro estaria pensando. Esse distanciamento crítico corresponde a uma diferenciação entre saber e verdade.

O binário palavra plena e palavra vazia

Como vimos acima, na fala, o sujeito *se* fala com seu *eu*. O eu do sujeito fala a um outro do sujeito em terceira pessoa. O sujeito do inconsciente é pronunciado na terceira pessoa (simbólico). Enquanto que no fenômeno de alucinação auditiva, o sujeito está identificado ao seu eu. Vamos agora analisar o efeito da ausência desse desvio pelo Outro no binário fala plena e fala vazia.

Em primeiro lugar, cumpre demarcar a distinção entre significante e significado. O significante deve ser tomado no sentido do material da linguagem, e o significado remete à significação. Lembrando que o significado de uma palavra não se esgota em uma significação.

Algumas palavras pronunciadas por sujeitos em situação de delírio caracterizam-se, enquanto significantes, por serem palavras novas, neologismos. Enquanto significação, um neologismo (conexão nervosa em Schreber) é uma palavra cuja significação basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio paciente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável.

Lacan (1955-1956/1985) destaca dois extremos aos quais pode chegar uma fala delirante: a palavra plena (*mot*) e a fórmula (*ritournelle*), que pode ser chamada de refrão ou cantilena. Essas duas formas, a mais plena e a mais vazia, pararam a significação, como um chumbo na rede do discurso do sujeito.

A intuição delirante é um fenômeno pleno quando a palavra (*mot*) adquire, para o sujeito, um caráter submergente, inundante. Ela lhe revela uma perspectiva nova cujo cunho original e cujo sabor particular o paciente sublinha, como Schreber quando fala da língua fundamental na qual ele foi introduzido. Ali a palavra (*mot*) adquire ênfase plena. Em oposição, há a forma que a significação toma quando não remete mais a nada. É a fórmula que se repete, que se reitera, que se repisa com uma insistência estereotipada. (Lacan, 1955-1956/1985, p. 44)

Essa é uma característica estrutural do discurso psicótico que aparece na forma de fala delirante. Lacan nos indica, portanto, que a estrutura se situa no discurso do sujeito falante.

A palavra plena se relaciona a uma palavra que produz a verdade do sujeito. Se considerarmos a distinção entre saber e verdade, o saber está relacionado ao entrecruzamento dos eixos simbólico e imaginário. Assim, se há entrecruzamento, a verdade é filtrada pelo saber. O sujeito não acede diretamente à verdade. A palavra plena seria uma palavra fundante que o sujeito recebe sem o filtro do saber, ou seja, não há um saber que se interponha entre o sujeito e a verdade.

Eidelsztein (2006) observa que o binário palavra plena e palavra vazia respondia à clínica da psicose. Mais tarde, com a concepção de que um significante produz um sujeito para outro significante, a idéia de que haveria uma palavra que produzisse a verdade ou uma palavra que fosse esvaziada da verdade não seria mais utilizada. Assim, a palavra plena perderia seu lugar para a concepção de ato.

A compressão do eixo transversal no esquema L

Para mostrar a estrutura do discurso na psicose, Lacan (1955-56/1985) analisa a fala de uma paciente em uma apresentação psicanalítica de pacientes. Era uma mulher que morava com sua mãe após ter se separado do marido. Dito de outro modo, uma filha separada do marido por não conseguir se separar da mãe. Ambas viviam isoladas em um apartamento e não suportavam as “intrusões” de uma vizinha. O encontro, no corredor do prédio, da paciente (a filha) com o amante dessa vizinha provoca uma fala delirante relacionada a uma alucinação áudio-verbal.

A representação desta cena através dos elementos do esquema L mostra que no fenômeno dessa alucinação áudio-verbal a paciente escuta a fala de a' (o outro) como uma fala que provém do Outro.

Nos fenômenos de fala delirante relacionadas à alucinação áudio-verbal, o que se refere ao falante é dito no lugar do outro (a'). No caso desta paciente, o homem que ela encontra no corredor é colocado no lugar de a'.

Poderíamos afirmar que o Outro está excluído (Darmon, 2008, p. 66), ou que o Outro faz irrupção no outro (Gilson, s/d, p. 83). Nessas situações, não se realizaria o desvio pelo Outro que permitiria que: (a), o eu, falasse para (a') de S. No caso acima exposto, é a' que fala para a. Portanto, é (a'), o alter ego, que fala para (a) de S. Mas, aqui, S, enquanto sujeito do discurso estruturado psicoticamente, torna-se o objeto ameaçado pelo outro (a'). E, de acordo com relato da paciente, ela se sentira ameaçada de ser cortada em rodela pelo ex-marido.

Essa análise pode ser representada esquematicamente assim:

(a) é o que diz: “Eu venho do salsicheiro”.
É de S que (a’), fala invertida, diz: Porca.

A paciente então recebe a sua própria mensagem proveniente de um outro (a’). Ela se endereça ao outro (a’), de onde recebe sua fala sem dar-se conta de que sua própria fala está no outro que é ela mesma, o pequeno outro (a’), seu reflexo no espelho, seu semelhante. Na fala delirante ou alucinação áudio-verbal, o que se refere ao falante é dito no lugar do outro (a’): falar é fazer falar o outro imaginário.

Quinet (2006) observa que se trata “do retorno no outro, meu semelhante, daquilo que é minha outra cena, o inconsciente” (p. 50). Nesse caso, o sujeito lida com os pequenos outros (imaginários), porque o Outro (da lei simbólica) estaria excluído. No discurso delirante, é na medida em que o sujeito perdeu o Outro simbólico, que ele encontra o Outro puramente imaginário, ou seja, o Outro irrompe no meu semelhante.

Na estrutura discursiva neurótica, “a questão que eu me ponho sobre o que eu sou ou possa esperar ser é expressa fora de mim mesmo”: no discurso, sem que eu saiba. O sujeito sujeitado ao discurso neurótico fala sem o saber.

Lembremos do relato do psicólogo norte-americano Gordon Allport (1897-1967) sobre seu encontro com Freud. Aos 22 anos, Allport esteve em Viena e conseguiu marcar uma entrevista com Freud. Freud acolheu Allport e, silenciosamente, aguardou. Allport, não suportando o silêncio por mais tempo, começou a falar sobre um menino que observara havia pouco, durante o trajeto de ônibus que fizera até a casa de Freud. O menino mostrava-se perturbado por ter de se sentar em um lugar onde antes um homem sujo estivera sentado. Allport comenta que isso lhe fazia lembrar algo que aprendera com sua mãe, uma mulher asseada e dominadora. Freud lhe pergunta: Esse menino era você?

Neste relato biográfico podemos observar que o eu fala a um outro de S, o sujeito. A intervenção de Freud apontou para este que era falado, o sujeito do inconsciente, representado pelo menino na fala de Allport.

A seguir, um exemplo apresentado por Lacan para mostrar a estrutura discursiva na qual há reconhecimento do Outro. Na enunciação: “Tu és aquele que me seguirás por toda parte”.

A (Outro) está ao nível do *tu*.
a’ ao nível do *que me*
S ao nível do *seguirás*.

A e S são recíprocos, mas essa reciprocidade é gramatical. É nesse sentido que se diz que há um reconhecimento do Outro. O falante reconhece o Outro, por isso a idéia de um desvio pelo Outro na fala.

O que acontece se falta no Outro o significante que responda ao tu? Se não há um tu eletivo ao “Tu és aquele que”, ou seja, se não ocorrer um desvio pelo Outro, o que concerne ao sujeito será dito pelo outro. Eis a compressão ou achatamento (écrasement) do esquema L, tal como descreve Gilson (s/d). A falta do desvio pelo Outro caracterizará a fala delirante. O sujeito receberá do outro, um outro qualquer, sua fala. Na estrutura discursiva psicótica, a questão que eu me ponho sobre o que eu sou ou possa esperar ser é expressa como uma certeza, pois provém do outro enquanto projeção e tem o peso do Outro absoluto.

A irrupção do Outro no outro (Quinet, 2006) corresponde ao que Gilson (s/d) nomeia de compressão (écrasement) do esquema L sobre o eixo transversal. Logo, o esquema L, enquanto esquema para descrever a fala, corresponderia, na fala delirante ou alucinação áudio-verbal, à seguinte figuração:

S a < ————— > a' A

O inconsciente aparece no Real

O esquema L permite representar a hipótese de que, no discurso psicótico, “o inconsciente aparece no Real” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 20). Essa seria a primeira ocorrência, nas lições do Seminário de Lacan, do termo Real com uma finalidade tópica. É nessa perspectiva que Gilson (1994) analisa o esquema L como uma topologia do espaço falante, espaço que na psicose seria situado no exterior, no Real, à falta de um significante que relacione o sujeito a uma linhagem.

Há aqui uma topologia subjetiva, que repousa inteiramente sobre (...) o fato de que pode haver um significante inconsciente.(...) Ele parece bem exterior ao sujeito, mas é uma outra exterioridade que aquele que se evoca quando alguém nos apresenta a alucinação e o delírio como uma perturbação da realidade, pois o sujeito permanece apegado a ela por uma fixação erótica. Temos aqui que conceber o espaço falante como tal. (Lacan, 1955-1956/1985, p. 165)

É preciso observar que essa topologia se constitui em relação àquilo que há de fato audacioso e de fato novo na herança freudiana. A saber, a idéia de que é no campo da fala que convém situar esse retorno no Real. Dito com outras palavras, Lacan elabora, com o esquema L, uma etapa essencial de sua topologia enquanto ela tem a ver com a função da fala. Na fala, está em questão uma enunciação que visa significar, a fala se opõe ou cruza com a cadeia significante, que vem a ser o campo da linguagem, marcado por uma sincronia e por uma sintaxe.

Poder-se-ia, logo, deduzir do precedente que ali onde a separação entre o Outro e o outro se encontra reduzida a uma compressão, existe um buraco isolado de toda função, que tem lugar fora do diálogo dessa separação. Deve-se acrescentar que a função de verdade também inerente ao exercício da fala, seguirá esses efeitos da deterioração do esquema L.

O sujeito (S) pode ver-se somente em (a), isto é, ele crê que o eu (a), é ele mesmo. Ora, esse eu (a) vê o outro sobre uma forma especular dele mesmo (a'). Mas há um terceiro plano, o muro da linguagem, onde se nomeiam as coisas (a-a') e se instala uma realidade que, para o sujeito, toma, alternadamente a trajetória do narcisismo ou da verdade na fala. Isso é particularmente observável na distinção entre neurose e psicose.

No caso das neuroses, o recalcado aparece, in loco, ali onde foi recalcado, isto é, no ambiente mesmo dos símbolos, debaixo de uma máscara. O recalcado na psicose reaparece num outro lugar, in altero, no imaginário e, ali, com efeito, sem máscara. (Lacan, 1955-1956/1985, p. 124)

Lacan nos indica, portanto, que essa estrutura do significante se apresenta, na psicose, como exterioridade, como Real. Mas como dar conta dessa exterioridade? Será preciso abordar o Real através de uma superfície discursiva. É aqui que o esquema L não será suficiente.

O esquema L representa a espacialidade, mas não no sentido intuitivo do termo 'esquema', não no sentido de localizações, mas no sentido de relações de lugares. Trata-se, portanto, de relações de lugares, interposição, sucessão ou seqüência: portanto, "o esquema L é topológico", afirma Lacan (1985/1956-1957, p. 10).

No entanto, falta ao esquema L a possibilidade de figurar o discurso como superfície, na medida em que as relações espaciais entre os elementos do esquema acontecem através de eixos ou linhas. E uma linha não tem um exterior, já uma superfície o tem. É por isso que o esquema R vai ser elaborado já na forma de uma superfície formada por Imaginário, Simbólico e Real.

Do esquema L ao esquema R e grafo do desejo

O esquema L foi útil para trabalhar os fenômenos do desencadeamento da crise psicótica, assim como para oferecer um parâmetro estrutural para distinguir neurose e psicose, mas não permitiu uma explicação suficiente para a estrutura psicótica.

Somente com o grafo do desejo e com o esquema R foi possível superar essa problemática. O grafo do desejo mostrará a estrutura de outra cena da enun-

ciação a partir da apropriação do conceito lingüístico de cadeia significativa. Os dois andares do grafo representam o desdobramento de duas cenas: a cena enunciativa e a cena inconsciente. Essa última equivaleria ao fantasma ou fantasia de desejo. Já o esquema R explicitará a relação entre Imaginário, Simbólico e Real. Uma observação histórica mostra que ambos (esquema R e grafo) foram elaborados entre 1957 e 1958, época em que Lacan apresentava a concepção de metáfora paterna durante o quinto ano de seu Seminário público.

Referências

- BOEREE, G. (s/d) Personality Theories: Gordon Allport. Disponível em <http://webSPACE.ship.edu/egboer/allport.html>. Acesso em: 3 de jun. de 2008.
- EIDELSZTEIN, E. *Modelos, esquemas y grafos em la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Manantial, 1992.
- _____. *La topologia em la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.
- DARMON, M. *Ensayos acerca de la topología lacaniana*. Buenos Aires: Letra Viva, 2008.
- FECHNER, G. T. (1889). *Elemente der Psychophysik*, apud Freud (1900). A interpretação dos Sonhos. Obra Psicológica Completa de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. IV e V.
- _____. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VIII.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XII, p. 13-108.
- GILSON, J. P. *La topologie de Lacan: une articulation de la cure psychoanalytique*. Montreal: Editions Balzac, 1994.
- _____. (s/d). *La topologie de Lacan: une articulation de la cure psychoanalytique*. Versão bilingue francês/espanhol. Tradução de Margarita Mosquera Zapata (inédito).
- LACAN, J. (1966). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 537-590.

_____. (1954-1955). *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1955-1956). *Le séminaire. Livre 3. Les psychoses*. Paris: Édition du Seuil, 1981.

_____. (1955-1956). *O seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1956-1957). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

QUINET, A. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução e notas de M. Carone. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Resumos

Este artículo tiene como objetivo presentar la contribución del Esquema L a la psicopatología, más concretamente, mostrar que el Esquema L permite distinguir entre el discurso neurótico y psicótico. El Esquema L fue desarrollado por Lacan en el período 1954-1955 y utilizado hasta el año 1957 para estudiar la topología del espacio hablante. En este esquema, las relaciones entre el imaginario y el simbólico aparecen como dos ejes que se entremezclan en la figuración de las relaciones entre la escena de habla y la otra escena, la escena inconsciente. El esquema L ofrece los cuatro puestos de apoyo para la palabra hablada: el sujeto, el yo, el otro y el Otro. Esta es la entrada de la estructura cuaternaria en el campo de la psicopatología.

Palabras clave: Psicoanálisis, psicopatología, topología, esquema L

Cet article vise à présenter la contribution du schéma L à la psychopathologie, et plus particulièrement, veut montrer que ce schéma permet la distinction entre discours psychotique et névrotique. Le schéma a été élaboré par Lacan au cours de la période 1954-1955 et utilisé jusqu'en 1957 pour étudier la topologie de l'espace parlant. Dans ce schéma, les relations entre l'imaginaire et le symbolique apparaissent comme deux axes qui s'entrecroisent comme figuration des relations entre la scène parlant et une autre scène, la scène de l'inconscient. Le schéma L donne les quatre lieux à l'appui de la parole: le sujet, le moi, l'autre et l'Autre. C'est l'entrée de la structure quaternaire dans le domaine de la psychopathologie.

Mots clés: Psychoanalysis, psychopathologie, topologie, schéma L

This article aims to present the contribution of the Schema L to psychopathology, more specifically, to show that it allows distinction between psychotic and neurotic

discourse. The Schema L was developed by Lacan in the period 1954-1955 and used until 1957 to study the topology of the speaking space. In this schema, the relations between imaginary and symbolic appear as two axes that intermingle as figuration of relations between the speaking scene and another scene, the unconscious scene. The Schema L gives the four posts that support the spoken word: the subject, the me, the other and the Other. This is the entry of quaternary structure in the field of psychopathology, a structure already used in Mathematics, Anthropology and Linguistics.

Key words: Psychoanalysis, psychopathology, topology, schema L.

Citação/Citation: D'Agord, Marta Regina de Leão. As estruturas do discurso: o uso do esquema L em psicopatologia. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 87-100, maio de 2009.

Editores do artigo/Editors: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro e Profa. Dra. Junia de Vilhena

Recebido/Received: 17.3.2009/3.17.2009 **Aceito/Accepted:** 27.4.2009/4.27.2009

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/ this is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited

Financiamento: O autor declara não ter sido financiado ou apoiado/The author has no support of funding to report.

Conflito de interesses: O autor declara que não há conflito de interesse/The author declares that has no conflict of interest

MARTA REGINA DE LEÃO D'AGORD

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro da Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental.

Rua Riveira, 600

90670-160 Porto Alegre, RS, Brasil

Fone: (51) 3331-5150

e-mail: mdagord@terra.com.br